

AGRICULTURA APOIADA PELA COMUNIDADE E A “ECONOMIA VIVA” DE
RUDOLF STEINER

Djalma Nery FERREIRA NETO¹
Flavia TORUNSKY²

STEINER, R. **Economia viva**: o mundo como organismo econômico único. 3.ed. São Paulo: Antroposófica, 2006.

Poderíamos dizer que o foco desta resenha reside em uma recente experiência de associativismo entre agricultores e consumidores que vem apresentando relevantes resultados na melhoria na qualidade de vida destes atores, na preservação ambiental, e na possibilidade de uma distribuição mais justa de recursos econômicos. Trata-se das chamadas CSAs (Comunidades que Sustentam a Agricultura), cuja sigla, proveniente do inglês, deriva de *Community-supported Agriculture*, que, em tradução livre, significa “agricultura apoiada pela comunidade”. Com a motivação de entender e proporcionar o entendimento dos pilares destas experiências hoje em curso, é que apresentamos a resenha de uma obra conceitualmente fundante desta prática. Trata-se de uma obra dos anos 1920, porém revisitada na práxis contemporânea: para falar e entender as CSAs devemos introduzir aos leitores o pensamento econômico de Rudolf Steiner (2006) reunido na obra *Economia Viva*, que lança as bases filosóficas e conceituais do que mais tarde seria desenvolvido concretamente.

Para dar essa concretude e apresentar a agricultura apoiada pela comunidade de fato, é que nos debruçamos, também, sobre a obra *Farms of Tomorrow Revisited*, dos autores Trauger Groh e Steven MacFadden, publicada em 1997, e que opera um salto qualitativo, no aspecto prático, a partir da implementação de propostas baseadas na cosmovisão antroposófica³, da qual Steiner é fundador, utilizando-a como complemento às reflexões e práticas suscitadas pela obra *Economia Viva*, foco e fio condutor desta resenha. Acreditamos que dessa forma poderemos apresentar uma resenha útil, no sentido de introduzir devidamente os leitores nesta incipiente experiência de economia associativa que vem crescendo no Brasil e no mundo, de modo a desvelar suas origens, consequências e, também, limitações; além de

1 Bolsista Capes. Mestrando em Ecologia Aplicada (Interunidades). USP – Universidade de São Paulo – Escola Superior de Agricultura “Luiz de Queiroz”. Piracicaba – SP – Brasil. 13.418-900 – djalmnery@usp.br

2 Especializando em Educação Ambiental. USP – Universidade de São Paulo – Escola de Engenharia de São Carlos - Centro de Recursos Hídricos e Estudos Ambientais. São Carlos – SP – Brasil. 13566-590 - flavia@veracidade.eco.br

3 Antroposofia é o nome que Rudolf Steiner atribuiu à sua “Ciência Espiritual”, após romper com outros movimentos filosóficos europeus dos quais participou ao longo de sua vida, tais como a Teosofia. A antroposofia é o ponto de aglutinação de várias teorias e práticas propostas por Steiner em diversos campos da vida e da existência humana dos quais tratou.

apontar para o desenvolvimento de trabalhos futuros e oferecer subsídios para textos mais aprofundados.

A “Economia Viva” de Steiner: as associações como horizonte estratégico

Entre 24 de julho e 6 de agosto de 1922, o filósofo e pensador austríaco Rudolf Steiner, proferiu 14 conferências em Dornach (Suíça) onde expôs a base de seu pensamento econômico, analisando a conjuntura global e o histórico desta ciência, bem como apontando perspectivas e caminhos possíveis para a superação dos principais dilemas contemporâneos (que, diga-se de passagem, quase 100 anos depois, continuam atualíssimos). Seu público era majoritariamente composto por estudantes de economia, intrigados com as propostas e a leitura de mundo deste filósofo que tão a vontade discorria sobre economia. Apesar da definição como filósofo ser a mais usual, caracterizar Steiner de maneira sucinta apresenta-se como uma árdua tarefa, dada a notável multiplicidade de seus trabalhos e interesses, e da proficuidade de seus escritos e reflexões que abarcam, com profundidade, temas como agricultura, medicina, educação, economia, religião, e um grande etcetera. Rudolf Steiner foi um polímata, sujeito de enorme cultura e conhecimento demonstrados nos quase 400 livros editados a partir de seus escritos; e na assustadora quantia de aproximadamente 6.000 palestras e/ou conferências proferidas ao longo da vida, além de inúmeros trabalhos artísticos.

Nascido em 1861, Steiner foi um grande estudioso de Goethe, sobre o qual escreveu e pesquisou durante boa parte de sua vida, tendo sido influenciado por sua literatura e ideias. Sua grande obra, no entanto, foi a busca pela consolidação de uma “Ciência Espiritual” que fosse reconhecida, aceita e, sobretudo, praticada pelas pessoas. Mais do que criar dogmas ou novas liturgias, seu propósito era estabelecer caminhos e critérios replicáveis para aquisição de sensibilidade e conhecimento espiritual, podendo ser comprovados seus resultados por meio de experiências práticas e amplas, sem afiançar-se em referenciais subjetivos ou particulares - casos em que o debate concreto e a construção científica e crítica encontram dificuldade para desenvolver-se, já que a idiosincrasia substitui a universalidade (RICKLI, 2010). Steiner buscou reunir dois pólos aparentemente antagônicos da experiência humana, sob a égide de um mesmo campo de conhecimento: de um lado a ciência e seu rigor acadêmico; de outro, as sutilezas da espiritualidade e a particularidade das percepções individuais. Steiner buscava explicar o insólito, traduzir os sussurros incognoscíveis dos mecanismos do universo em linguagem inteligível à humanidade, criando caminhos lógicos de causa e efeito entre fenômenos.

Tal questão é competently discutida e elaborada no artigo “O desafio da relação acadêmica com a obra de Rudolf Steiner”, de Ralf Rickli, estudioso e tradutor de Steiner no Brasil. Rickli (2010) aponta que tal tensão existente entre os critérios de cientificidade e o pensamento de Rudolf Steiner constitui-se enquanto oportunidade para compreender e enfrentar certas limitações historicamente construídas na formação da escolástica e da ciência analítica, formal. Ele se baseia mormente no fato de que a “[...] antroposofia *não* é crença, e sim uma modalidade de ciência - ciência do espiritual, porém ciência. Assim, afinal, a definiu Rudolf Steiner na quase totalidade de suas obras: *Geisteswissenschaft*.” (RICKLI, 2010, p. 3).

Ao mesmo tempo, o autor reconhece que não basta a “auto-determinação” no sentido de declarar-se ciência, mas sim enquadrar-se em parâmetros reconhecidos consensualmente como ciência pela comunidade científica. É então que ele inicia o apontamento crítico sobre tais parâmetros, sem deixar de considerar que Steiner é um acadêmico de origem, tendo doutorado-se em filosofia em 1891 com uma tese em epistemologia intitulada “Verdade e Ciência”, sendo impossível que o mesmo desconsiderasse ou fosse incapaz de cumprir com tais critérios acadêmicos.

O que nos interessa no presente trabalho, no entanto, são os aspectos concretos e os desdobramentos de determinadas ideias que podem ser observados nitidamente nos dias de hoje, omitindo-nos ao debate de “ciência” ou “não ciência” com relação à antroposofia e ao “místico” Rudolf Steiner. Por isso é que nos debruçamos sobre a faceta economista de Steiner⁴, expressa principalmente em seu livro *Aufgaben einer neuen Wirtschaftswissenschaft, Bd.1, Nationalökonomischer Kurs*, que reúne as 14 conferências de 1922 proferidas em Dornach, tendo sido publicado apenas no início dos anos 1930 e, cuja tradução literal seria: “As tarefas da nova ciência econômica, volume um: curso de economia nacional”. No Brasil, a primeira tradução, no entanto, chegou apenas nos anos 90, sob o título “Economia Viva: o mundo como organismo econômico único”. Neste livro está contida a base conceitual das teorias de Steiner sobre a configuração econômica mundial; seu desacordo com as teorias econômicas em voga na época; e também proposições concretas no sentido de reorganizar a economia humana a partir de outros parâmetros.

Buscamos sintetizar as principais contribuições de Steiner ao campo econômico por meio de alguns pontos.

Iniciamos por uma questão de conecta o individualismo à economia mundial: segundo Steiner, a ciência econômica deve encarar o mundo como um organismo único, apresentando

⁴ Indicamos um excelente e específico artigo a respeito disso intitulado “Rudolf Steiner, Economist”, de Christopher Houghton Budd (2012).

uma **leitura global da realidade**; as fronteiras nacionais dificultam uma compreensão totalizante e ampla da economia tal como deveríamos concebê-la. É preciso pensar no mundo como um organismo econômico único, “[...] não podemos prescindir da compreensão do organismo social como um todo” (STEINER, 2006, p. 18).

Além disso, é importante entender o que “**Economia Viva**” significa no contexto em questão. O termo aponta para o **caráter orgânico da economia**; portanto em constante movimento, repleta de particularidades e detalhes, avessa a generalizações e cristalizações rígidas. Seus conceitos precisam ser fluídos e maleáveis afim de abarcar essa dinâmica. No entanto o cenário que se apresenta é diverso: teorias que buscam cada vez mais conceituar de maneira definitiva determinados aspectos da vida econômica, acompanhadas de ferramentas de análise científica formal de base cartesiana, para as quais é importante contar com um objeto de estudo estático, à exemplo de uma biologia que precisa estudar os corpos inertes, sem vida, para tentar entendê-los em movimento, vivos. É à essa mudança no padrão de pensamento que Steiner convida os estudantes de economia, buscando superar uma atuação limitada e restrita na formulação de concepções e alternativas econômicas. Por isso, Steiner se recusa a começar sua exposição por definir conceitos “básicos”, como “valor” e “preço”, afirmando a impossibilidade de partir do mais difícil, em caminho oposto ao postulado por outros economistas.

Outro ponto de especial relevância, reside na concepção de que todos somos autóctones no processo econômico, por isso **a economia deve ser pensada desde dentro**, e não com o economista enquanto observador “alheio” ao que ocorre. Diferente de outras ciências, onde podemos estudar fenômenos dos quais não necessariamente somos parte integrante, o mesmo não ocorre na economia, e isso modifica substancialmente nossa maneira de pensar e lidar com ela. “O característico dos processos econômicos é que nos encontramos dentro deles. Devemos, pois, estudá-los a partir de dentro” (STEINER, 2006, p. 43)

Além disso, Steiner busca desfazer o que considera alguns equívocos na construção do pensamento econômico, principalmente no campo da conceituação. Para isso busca diferenciar-se principalmente do campo marxista, visto à época como uma grande força contrária ao estabelecido. Assim, posiciona-se criticamente com relação à teoria do valor, a teoria da formação de preços, a lei da oferta e demanda e a mais-valia, que afirma não existir da maneira como Marx a descreve, uma vez que os trabalhadores não poderiam vender sua força de trabalho, mas sim os produtos que produzem a partir dela.

Apontamos também que Steiner apresenta um rechaço com relação às duas formas de poder e controle majoritariamente postuladas em seu momento histórico. Não aceita o

discurso liberal de auto-regulação do mercado e da livre concorrência; tampouco se identifica com o horizonte “estadocêntrico”, onde a economia seria regulada por uma figura central e soberana manifesta por meio do Estado, o que classifica como “tirania”. Como resolução à este “dilema”, apresenta as **associações**, organismos com “senso de comunidade” onde se reuniriam em um mesmo espaço deliberativo produtores, consumidores e comerciantes, decidindo local e horizontalmente sobre os rumos do processo econômico no qual estão inseridos a partir de uma visão totalizante. Tal proposição dá origem ao termo “Economia Associativa”, posteriormente desenvolvido a partir dessas ideias e que se conecta conceitualmente à prática da “Agricultura Apoiada pela Comunidade” aqui descrita. Sobre esse ponto, indica-se a obra *Beyond the Market*, de Gaudenz Assenza (1992).

Por último, frisemos sua **teoria da trimembração social** - sua proposta de concepção sociológica da realidade que também é aplicada às suas formulações econômicas. Essa trimembração consiste em uma dinâmica relacional entre os domínios cultural, econômico e político da sociedade. Trata-se de um novo paradigma, adequado à cosmovisão do autor com relação ao momento histórico da humanidade. Seu intuito é unificar a concepção de que são esses os 3 aspectos fundantes da vida em sociedade. Como esta, vemos outras tríades trazidas por Steiner, como, por exemplo, a tríade “natureza-trabalho-espírito/capital” (ASSENZA, 1992), as fontes por meios das quais, quando em relação, gera-se valor.

Como resumo esquemático de seu pensamento, oferecido pelo próprio Steiner (2006, p. 66), destacamos a seguinte passagem à guisa de síntese de seus conceitos e da inter-relação entre eles:

[...] natureza existe, mas o valor surge somente pelo trabalho na natureza, quando natureza e trabalho se encontram. E valor surge pelo trabalho, quando este se move em direção ao capital ou ao espírito. E por isso surge a tendência a regressar novamente à natureza. Isso pode ser impedido evitando-se que o capital excedente seja fixado em terras, e sim seja transferido para empreendimentos espirituais livres onde desaparecerá, com exceção de um pequeno resto que deve ser preservado como semente para a manutenção do processo econômico. (STEINER, 2006, p. 66).

As “Fazendas do Amanhã” e as fazendas de hoje: economia associativa e agricultura apoiada pela comunidade

As teorias e propostas econômicas de Steiner materializaram-se de diversas formas ao redor do mundo, com especial destaque ao campo da agricultura, do qual agora tratamos. A

“economia associativa”, aqui, reuniu agricultores, consumidores e grupos de articulação entusiastas de tais mudanças paradigmáticas, dando origem às “Comunidades que Sustentam a Agricultura”. Tal concretização, se deve em grande parte aos trabalhos e dedicação de Trauger Groh e Steven McFadden autores do livro *Farms of tomorrow* publicado pela primeira vez em 1990, nos Estados Unidos, e, em 1997 republicado, adicionando as experiências acumuladas ao longo dos 7 anos. A nova edição foi batizada *Farms of Tomorrow Revisited*. Considerado um dos livros base para o entendimento dos conceitos que permeiam as fazendas comunitárias; o livro traz inúmeros exemplos de iniciativas que estão dando certo na América do Norte. Trata-se por assim dizer, de um livro teórico-prático.

Para entender os conceitos que levaram a criação das CSAs é importante observar que elas surgem a partir das discussões de agricultores envolvidos com a Associação Biodinâmica, nascida das proposições agrícolas da antroposofia – portanto de pessoas vinculadas à ciência espiritual desenvolvida por Rudolf Steiner. A partir desta fonte é que tais agricultores formaram valores e conceitos que, hoje, transparecem nas bases ideológicas destas comunidades, ainda que não necessariamente todas elas se refiram a si mesmas como antroposóficas.

Temos como aspecto relevante na concepção dos autores a visão de que “[...] a agricultura é o alicerce da civilização moderna.” (GROH; MCFADDEN, 1997, p. 4, tradução nossa). Ao mesmo tempo, é consenso que a alimentação é uma atividade essencial para a vida; assim sendo, seria natural que todos tivéssemos interesse profundo pelos rumos da agricultura, além de conferir o suporte necessário para que os agricultores possam exercer esta atividade “em nome” dos demais membros da sociedade. Hoje, no Brasil, segundo pesquisa desenvolvida pelo IBGE (2011), estima-se que em torno de 7% da população esteja envolvida em atividades agrícolas, e sabemos que a agricultura familiar tem papel fundamental na alimentação do país (SCHNEIDER, 2003). “Como nossa existência depende principalmente da agricultura, não podemos confiar esta atividade essencial unicamente aos agricultores [...]” (GROH; MCFADDEN, 1997, p. 5, tradução nossa), já que os mesmos encontram-se cada vez em menor quantidade no campo, como mostram as estatísticas.

A deterioração dos sistemas agrícolas tem forte relação com o sistema econômico vigente, que prima pelo interesse individual e o acúmulo de bens em detrimento dos benefícios sociais e coletivos. Para uma mudança profunda faz-se necessário encontrar novas formas de financiar a produção, e este é o motor das CSAs, que busca encontrar alternativas nos modelos de relação com a agricultura e propõe que todas as partes envolvidas possam juntas financiar e compartilhar os riscos e benefícios desta atividade.

As CSAs acabam por desvelar diversas contradições e pontos frágeis na maneira como se estrutura a indústria e a logística na produção e distribuição de alimentos no mundo: desde questões ambientais (tendo em vista a ampla difusão de insumos tóxicos do modelo convencional), até as questões trabalhistas (com um agricultor pauperizado e empobrecido), passando pelas questões fundiárias e de gestão democrática: todos esses pontos são modificados com a introdução da práxis da “economia associativa”, como proposta por Steiner.

Por exemplo, dentro do sistema convencional de distribuição de alimentos, é importante que o produto dure o máximo possível na prateleira e possa percorrer grandes distâncias sem grandes alterações. Ademais, “[...] fresco e local na linguagem do supermercado significa acessível em 24 horas por frete aéreo.” (HENDERSON; VAN EN, 2007, p. 17, tradução nossa), fazendo com que a qualidade do produto não seja a prioridade e sim sua aparência, sua longevidade e sua resistência a grandes viagens. “Contrário ao que pode ser correto para muitos produtos industriais, a produção, processamento, distribuição e consumo de alimentos favorece a qualidade quando é feito localmente.” (GROH; MACFADDEN, 1997, p. 6, tradução nossa).

Um princípio que rege as CSAs é a questão da produção de um alimento de qualidade livre de agrotóxicos e fertilizantes químicos, que respeite a natureza, que promova a biodiversidade e a saúde do solo, e uma relação justa entre seres humanos. “A motivação pelo lucro não leva a uma produção de alimentos de qualidade.” (GROH; MACFADDEN, 1997, p.5, tradução nossa). Para que isso seja viável, as comunidades são criadas entre consumidores e agricultores locais. A aproximação entre estes dois polos auxilia não só na logística (transporte, embalagem, conservação), diminuindo assim gastos, como aumenta a possibilidade de participação dos membros na vida da fazenda, superando um abismo hoje existente entre estas duas partes, e que as condições econômicas atuais fazem com que seja quase impossível transpor (LAMB, 1994).

É na economia onde vemos os elementos de associativismo trazidos por Rudolf Steiner ganharem maior destaque nas CSAs. A economia de mercado atual é marcada e dirigida pelo interesse individual; nesta relação prevalece a busca do bem estar próprio em detrimento do outro, e na crença de que este procedimento levará a sociedade como um todo à prosperidade. Na economia associativa o que move as ações econômicas é a necessidade de todos os atores envolvidos, “[...] a atitude predominante é o esforço por aprender as necessidades reais de nossos parceiros, e as formas como podemos melhor satisfazê-las.” (GROH; MCFADDEN, 1997, p.35, tradução nossa), e Steiner frisa a importância vital do

“altruísmo” para o funcionamento pleno da economia, retirando-o de seu caráter moral, mas afirmando categoricamente a total necessidade objetiva de desenvolvê-lo como elemento econômico, para além de qualquer discurso ético ou religioso.

Na CSA a comunidade deve apresentar suas necessidades ao agricultor e este deve então apresentar as dele à comunidade; o agricultor faz um orçamento anual para a produção dos alimentos que irão satisfazer as necessidades da comunidade. Além dos gastos de produção, o agricultor deve contabilizar também suas necessidades pessoais e as dos seus dependentes. Tal orçamento é discutido em grupo e dividido em cotas que podem ser tanto iguais a todos os membros, como podem ser divididas de acordo com a necessidade e capacidade de cada membro. Na economia associativa o foco é ouvir as necessidades de cada participante, e coletivizar o processo na busca pela forma mais eficiente de satisfazer estas necessidades, e não mais nosso interesse individual. Para Steiner esta é a economia verdadeira, é a única economia possível (STEINER, 2006).

Rudolf Steiner traz em seus discursos sobre economia outro elemento importante nos processos econômicos, que é o “espírito de comunidade”. Na CSA este se torna um elemento essencial, o grau de envolvimento entre consumidores e agricultores gera a disposição necessária para criar novas formas de relação e encontrar soluções criativas para os problemas que surgem ao longo do processo (LAMB, 1994).

Somente desta forma, ou seja, quando uma *razão independente* se fizer valer no processo econômico, é que este poderá ter uma constituição sadia. Isso, porém, não poderá ser alcançado senão por meio da associação de pessoas que realmente tragam em si o processo econômico em imagens, detalhe por detalhe, e — pelo fato de se unirem em associações — completem-se e corrijam-se mutuamente, promovendo assim uma boa circulação nesse processo econômico. Para tal, naturalmente, é imprescindível uma certa disposição de ânimo, se bem que apenas tal disposição de ânimo não seja suficiente. Podem-se inaugurar associações com amplo tirocínio econômico; mas se em tais associações não houver uma certa qualidade, nem o melhor tirocínio adiantará muito. Algo mais deve estar contido nas associações, o que só ocorrerá se sua existência for reconhecida como uma necessidade. Elas deverão ter senso de comunidade, um verdadeiro senso de todo o curso do processo econômico (STEINER, 2006. p. 91)

Dentro da concepção da economia associativa é importante identificar a natureza de cada questão e tratá-las da forma adequada com seus análogos. Questões espirituais com liberdade de expressão, econômicas com altruísmo e legais com igualdade. Assim “[...] introduzimos uma estrutura nova e mais saudável em nossa comunidade.” (GROH; MCFADDEN, 1997, p.35, tradução nossa). Além destas três esferas, Groh e Mcfadden (1997)

também colocam a importância de lidar com as questões sociais desde dois polos, individual e coletivo.

Nossos problemas e dificuldades sociais devem ser lidados desde dois polos. No polo comunitário ou institucional com uma estrutura sadia, e no polo individual através de uma atitude nova e elevada em direção aos nossos semelhantes. Sucesso no primeiro polo pode ser cultivado pelo entendimento das diferentes esferas da sociedade. Sucesso no segundo polo pode ser alcançado somente através do difícil caminho do desenvolvimento interior do indivíduo. Ambos são necessários para trazer liberdade, justiça e um altruísmo saudável aos nossos negócios. (GROH; MCFADDEN, 1997, p 42, tradução nossa).

O desejo de encontrar e estabelecer novas estruturas socioeconômicas está no coração do movimento das CSAs e das ideias de Steiner. É necessário que as pessoas envolvidas abram mão de velhos hábitos relacionados a aquisição e consumo de seus alimentos, aceitem as sazonalidades e desenvolvam a tolerância aos imprevistos climáticos. Mudar hábitos não é tarefa fácil, porém extremamente necessária para a criação de novas estruturas de relação social que beneficie a todos. Mas para além de simplesmente mudar hábitos, precisamos estabelecer novas estruturas de decisão e relacionamento, descentralizadas, horizontais e locais. As associações são o horizonte utópico econômico apresentado por Rudolf Steiner em seu “Economia Viva”; são também a “célula” básica de funcionamento das Comunidades que Sustentam a Agricultura, que tem se multiplicado ao redor do mundo, e se espalhado no Brasil nos últimos 4 anos.

REFERÊNCIAS

ASSENZA, G. **Beyond the market**. West Hoathly: New Economy Publications, 1992.

BUDD, C. H. **Rudolf Steiner, economist**: an introduction. 2012. Disponível em: <http://www.economics.goetheanum.org/fileadmin/economics/RS_Economist/2013_CHB_Rudolf_Steiner__Economist.pdf>. Acesso em: 10 abr. 2015.

GROH, T.; MCFADDEN, S. **Farms of tomorrow revisited**: community supported farms, farms supported community. Milwaukee: Biodynamic farming and gardening association, 1997.

HENDERSON, E.; VAN EN, R. **Sharing the Harvest**: a citizen's guide to community supported agriculture. White River Junction: Chelsea Green Publishing Company, 2007.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA [IBGE]. **Pesquisa nacional por amostra de domicílio**: sínteses de indicadores 2011. Brasília, 2011. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/trabalhoerendimento/pnad2011/sintese_defaultpdf_dados.shtm>. Acesso em: 19 maio 2015.

LAMB, G. **Community supported agriculture**: can it become the basis for a New Associative Economy? 1994. Trabalho apresentado ao The Community Supported Agriculture Conference, Pennsylvania, 1994. Disponível em: <<http://www.rci.rutgers.edu/~insects/robson/AGECOLOCT28-6.pdf>>. Acesso em: 19 maio 2015.

RICKLI, R. O desafio da relação acadêmica com a obra de Rudolf Steiner. **Trópis Iniciativas Socio-Culturais**, São Paulo, 2010. Disponível em: <www.tropis.org/biblioteca/steiner-academia.pdf>. Acesso em: 10 maio 2015.

SCHNEIDER, S. Teoria social, agricultura familiar e pluriatividade. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, v.18, n.51, p.99-121, 2003.

STEINER, R. **Economia viva**: o mundo como organismo econômico único. 3.ed. São Paulo: Antroposófica, 2006.